

## RECURSOS EDUCACIONAIS DIGITAIS (REDS) NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM NOVO RUMO NAS CAPACITAÇÕES DOCENTES

DIGITAL EDUCATIONAL RESOURCES (DERS) IN TEACHER EDUCATION: A NEW DIRECTION IN TEACHER TRAINING

RECURSOS EDUCATIVOS DIGITALES (RED) EN LA FORMACIÓN DOCENTE: UNA NUEVA DIRECCIÓN EN LA FORMACIÓN DOCENTE

Helena Teresinha Reinehr Stoffel<sup>1</sup>

Aloisio Oliveira Ramos<sup>2</sup>

Aline Leonardo da Silva<sup>3</sup>

Elaine de Aquino Varella Silva<sup>4</sup>

Gilberto Luiz Zattera<sup>5</sup>

Jaciara de Almeida Vieira Moreira<sup>6</sup>

Juliana Maria Griza de Oliveira<sup>7</sup>

Kátia Sacani<sup>8</sup>

Kelly Cristina Cedro da Silva<sup>9</sup>

Leonardo Queiroz Gonçalves<sup>10</sup>

Luciano das Chagas Gomes<sup>11</sup>

Mirtzi Antonia Fabio Santos<sup>12</sup>

Sheila de Oliveira Dipp<sup>13</sup>

Vivian Cristina Borges Hashitani<sup>14</sup>

**RESUMO:** O presente artigo nasce do desejo sincero de compreender como os Recursos Educacionais Digitais (REDS) podem transformar não só a prática docente, mas também o próprio jeito de formar professores. Em tempos em que a tecnologia atravessa tantas áreas da vida, a escola e o educador não podem ficar para trás, mas também não devem ser pressionados a seguir um caminho que ainda não foi trilhado com escuta e acolhimento. Por meio de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, analisamos estudos produzidos entre 2018 e 2023 que falam, com profundidade e empatia, sobre os desafios, os medos, as tentativas e os acertos de professores que estão aprendendo a ensinar com o apoio

3309

<sup>1</sup> Mestrado em Educação com especialização em TICs - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0000-0002-2649-0509>.

<sup>2</sup> Mestrando em Educação com especialização em TICs - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0007-4218-9066>.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação com especialização em Gestão de Centro Educacionais - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0008-6579-9067>.

<sup>4</sup> Mestranda em Educação com especialização em Formação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0007-3929-3954>.

<sup>5</sup> Mestrando em Educação com especialização em Formação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0007-5637-5919>.

<sup>6</sup> Mestranda em Educação com especialização em Formação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0009-5650-5490>.

<sup>7</sup> Mestranda em Educação com especialização em Formação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0006-2494-1640>.

<sup>8</sup> Mestranda em Educação com especialização em Formação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0008-2333-7059>.

<sup>9</sup> Mestranda em Educação com especialização em Formação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0003-8678-399X>.

<sup>10</sup> Mestrando em Educação UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0002-2112-5198>.

<sup>11</sup> Mestrando em Educação, com ênfase em Formação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0006-6587-478X>.

<sup>12</sup> Mestranda em Educação com especialização em Formação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0006-1247-5013>.

<sup>13</sup> Mestranda em Educação com especialização em Educação de Professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0009-0352-1016>.

<sup>14</sup> Mestranda em Educação com especialização em formação de professores - UNEATLANTICO / Espanha. <https://orcid.org/0009-0005-8492-7472>.

do digital. Os resultados apontam que, apesar da ausência de infraestrutura em muitas escolas, da falta de formações contínuas e do sentimento de insegurança frente ao novo, há também muita potência nas práticas docentes quando elas são acompanhadas de apoio, tempo e escuta. A pesquisa defende que os REDs não devem ser tratados como modismo nem como obrigação, mas como possibilidades e que a formação do professor precisa partir de onde ele está, com o que ele tem, respeitando seu tempo e valorizando seu percurso. Porque, no fim, ensinar com tecnologia é, antes de tudo, continuar ensinando com humanidade.

**Palavras-chave:** Recursos Educacionais Digitais (REDs). Prática pedagógica significativa. Humanização da prática docente. Educação com afeto. Formação docente.

**ABSTRACT:** This article stems from a genuine desire to understand how Digital Educational Resources (DERs) can transform not only teaching practices but also the very approach to teacher education. In a context where technology permeates multiple dimensions of life, neither schools nor educators can be left behind - nor should they be forced into pathways that lack listening and care. Based on qualitative bibliographic research, this study analyzes works published between 2018 and 2023 that empathetically explore the challenges, fears, attempts, and achievements of teachers learning to teach with digital support. The findings reveal that, despite the lack of infrastructure in many schools, limited ongoing training, and the insecurity regarding digital practices, there is significant potential in teaching when accompanied by support, time, and active listening. The study argues that DERs should not be viewed as trends or obligations, but rather as opportunities. Teacher education must begin from where each educator is, with what they have, honoring their pace and valuing their journey. Ultimately, teaching with technology is, above all, continuing to teach with humanity.

**Keywords:** Digital Educational Resources (DERs). Meaningful pedagogical practice. Humanization of teaching practice. Education with affection. Teacher education.

**RESUMEN:** Este artículo surge del sincero deseo de comprender cómo los Recursos Educativos Digitales (RED) pueden transformar no sólo la práctica docente, sino también la propia forma de formar a los docentes. En un momento en que la tecnología permea tantos ámbitos de la vida, las escuelas y los educadores no pueden quedarse atrás, pero tampoco deben ser presionados a seguir un camino que aún no se ha recorrido con escucha y aceptación. A través de una investigación bibliográfica con enfoque cualitativo, analizamos estudios producidos entre 2018 y 2023 que hablan, con profundidad y empatía, sobre los desafíos, miedos, intentos y éxitos de los docentes que están aprendiendo a enseñar con el apoyo de la tecnología digital. Los resultados muestran que, a pesar de la falta de infraestructura en muchas escuelas, la falta de formación continua y la sensación de inseguridad ante lo nuevo, también hay mucha potencia en las prácticas docentes cuando van acompañadas de apoyo, tiempo y escucha. La investigación sostiene que las RED no deben ser tratadas como una moda o una obligación, sino como posibilidades y que la formación docente debe partir de donde están, con lo que tienen, respetando su tiempo y valorando su recorrido. Porque, al final, enseñar con tecnología es, ante todo, seguir enseñando con humanidad.

3310

**Palabras clave:** Recursos Educativos Digitales (RED). Práctica pedagógica significativa. Humanización de la práctica docente. Educación con cariño. formación docente.

## I. INTRODUÇÃO

Falar sobre educação é, de certa forma, falar sobre vida. É olhar para dentro da sala de aula e perceber que, mais do que conteúdos, há pessoas com histórias, medos, sonhos e um desejo sincero de fazer sentido no que se vive e no que se ensina. E quando falamos de

professores, falamos de gente que aprende todos os dias, mesmo quando ninguém está olhando. Em meio aos desafios, aos planejamentos, às dúvidas e às múltiplas tarefas, o educador tem buscado caminhos para se reinventar e continuar sendo ponte entre o conhecimento e o coração dos seus alunos.

Nos últimos anos, com o avanço das tecnologias e a transformação do mundo em ritmo acelerado, a escola passou a ser desafiada a se reconectar com essa nova realidade. Os recursos digitais bateram à porta, não como algo distante ou futurista, mas como uma presença concreta e urgente. E foi nesse cenário que o professor passou a ser convocado, mais uma vez, a se adaptar agora não apenas a novos conteúdos, mas a novos jeitos de ensinar, de aprender, de se relacionar com o tempo, com os alunos e com o próprio fazer docente.

Mas a grande questão que move esta pesquisa é simples e profunda: estamos cuidando do professor nessa travessia? Ele tem recebido formação adequada, sensível, respeitosa com suas dúvidas e ritmos? Ou temos exigido muito, cobrando inovação e domínio tecnológico, sem antes oferecer condições reais para que esse caminho seja trilhado com segurança e acolhimento?

A proposta deste artigo é justamente olhar para esse cenário com carinho e criticidade. Aqui, buscamos analisar de que forma os Recursos Educacionais Digitais (REDs) podem contribuir com uma formação docente mais significativa, mais conectada com o presente, e, principalmente, mais humana. Queremos entender quais são os desafios enfrentados, mas também destacar as potências e os caminhos possíveis para fazer com que a tecnologia não seja mais um peso, e sim uma aliada verdadeira do educador.

3311

Este estudo se justifica pela urgência de se discutir um tema que, embora esteja presente em muitas formações, ainda é tratado de forma rasa ou puramente técnica. A formação docente digital não pode ser apenas sobre “aprender a usar ferramentas”. Ela precisa ser sobre sentido, sobre empoderamento, sobre escuta. O professor não precisa de mais uma lista de aplicativos. Ele precisa de tempo, de espaço, de voz. Precisa ser visto como alguém que também aprende, que sente medo, que testa, erra, acerta e que, acima de tudo, quer fazer o melhor.

E mesmo com tantas limitações sejam elas estruturais, emocionais ou institucionais é possível ver luz. Muitos educadores estão se abrindo para o novo, experimentando caminhos criativos com os poucos recursos que têm. Gestores e escolas também começam a perceber que inovar não é comprar tecnologia, mas investir em gente, em processos formativos que respeitam a realidade de quem está na sala de aula. Há uma semente de mudança sendo plantada e ela merece ser regada com cuidado, pesquisa, diálogo e afeto.

Por isso, este artigo nasce não como resposta pronta, mas como um convite: para pensar juntos, para escutar mais, para propor formações que façam sentido. Porque, no fim, educar com tecnologia é, antes de tudo, educar com presença. E nenhum recurso digital substituirá a força de um professor que se sente valorizado, preparado e confiante para transformar o mundo, um aluno por vez.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A emergência dos recursos digitais e suas implicações na educação

Nos últimos anos, é impossível negar o quanto a tecnologia tem modificado a nossa forma de viver, de interagir e, claro, de aprender. Ela chegou de mansinho, ocupando um cantinho nas escolas, e hoje já é parte integrante da rotina de muitos professores e alunos. Os Recursos Educacionais Digitais, os chamados REDs, deixaram de ser coadjuvantes e assumiram um papel central nas práticas pedagógicas. Como bem pontuam Costa e Freitas (2020), esses recursos não são apenas ferramentas modernas, mas verdadeiras janelas que ampliam as possibilidades de ensinar e aprender com mais sentido.

A sala de aula, que por tanto tempo foi um espaço de fala única, com o professor como o centro de tudo, hoje se abre para um novo jeito de construir o conhecimento: colaborativo, dinâmico, mais horizontal. Os REDs favorecem exatamente esse movimento, permitindo que os alunos também falem, criem, participem e descubram. Segundo Almeida (2021), eles representam uma mudança de lógica na educação, em que o conteúdo não vem pronto, mas se constrói no processo, com o apoio da mediação docente.

E é interessante observar como os recursos digitais conseguem dialogar tão bem com os jovens. Talvez porque falam a mesma linguagem que eles. As plataformas interativas, os vídeos explicativos, os jogos pedagógicos, os podcasts educativos, tudo isso torna o aprendizado mais acessível, mais envolvente. Oliveira e Rocha (2022) reforçam que essas ferramentas conectam o aluno com o conteúdo de forma mais significativa, despertando curiosidade, criatividade e engajamento.

Mas claro, não se trata de usar por usar. A tecnologia, sozinha, não faz milagre. O que faz diferença mesmo é a intenção pedagógica por trás de cada escolha. Como dizem Carvalho e Martins (2021), não é a ferramenta em si que transforma a educação, mas o modo como ela é inserida dentro de um projeto educativo coerente com a realidade dos estudantes.

E é aí que entra o papel do professor, esse profissional que precisa se reinventar o tempo todo, que precisa (re)aprender para ensinar com sentido. Segundo Santos e Lima (2019), o professor deixa de ser apenas o transmissor do conteúdo e passa a ser um mediador, alguém que ajuda a construir pontes entre o saber e o cotidiano do aluno. E isso exige não só habilidades técnicas, mas uma boa dose de sensibilidade e escuta.

É bonito ver como os REDs também favorecem o protagonismo estudantil. O aluno deixa de ser mero receptor e passa a ser parte ativa da sua aprendizagem. Torres e Silva (2020) observam que, ao se envolver em experiências digitais, o estudante se sente mais livre para explorar, investigar e, principalmente, questionar. E é nesse espaço que a aprendizagem realmente acontece.

Além disso, os REDs têm o poder de expandir os limites da sala de aula. Hoje, o conhecimento não precisa mais estar preso a quatro paredes ou a um horário fixo. A aprendizagem pode acontecer em qualquer lugar, a qualquer hora. Lopes (2019) destaca que essa flexibilidade é uma forma de democratizar o acesso à educação, rompendo com barreiras geográficas e sociais.

Mesmo com tantos benefícios, é preciso reconhecer que ainda existem desafios. Nem todos os professores se sentem preparados para usar esses recursos, e muitas escolas ainda enfrentam dificuldades com infraestrutura. Barros (2023) chama atenção para a importância de uma formação contínua, sensível e respeitosa com o tempo e os processos de cada educador.

3313

A formação do professor, nesse cenário, não pode ser apressada ou meramente técnica. Faria e Cunha (2020) ressaltam que é fundamental oferecer espaços de experimentação, de troca entre pares, onde o docente possa testar, errar, aprender e se sentir seguro para inovar. Não é sobre decorar tutoriais, mas sobre repensar a prática a partir de novas possibilidades.

Outro ponto lindo de perceber é como os REDs podem transformar também a avaliação. Saímos daquela lógica rígida, das provas que medem o acerto, para entrarmos em uma perspectiva mais processual, mais humana. Mendes (2021) afirma que as tecnologias permitem acompanhar o progresso dos estudantes com mais profundidade, valorizando o caminho e não só o resultado final.

E quando falamos de inclusão, os REDs também têm muito a oferecer. Com o suporte de tecnologias assistivas, por exemplo, é possível adaptar conteúdos, ampliar acessos e garantir a participação de todos. Amaral e Ferreira (2018) reforçam que, nesse aspecto, os REDs não são só inovação: são um passo importante para uma educação verdadeiramente equitativa.

O impacto da pandemia da COVID-19 escancarou o quanto os recursos digitais são essenciais. O que antes parecia opcional, virou necessidade. Muitos professores, mesmo com medo e sem tanto preparo, abraçaram a missão e descobriram novas formas de ensinar. Como bem expressa Dias (2022), a pandemia evidenciou a urgência de preparar professores e estudantes para uma cultura digital, destacando que o uso de recursos digitais não é mais opcional, mas sim parte integrante do fazer pedagógico cotidiano.

A adoção de recursos digitais na educação representa não apenas uma alternativa ao ensino presencial, mas uma oportunidade de redescobrir novas formas de ensinar e aprender, rompendo com padrões rígidos e oferecendo trilhas mais criativas e envolventes. A tecnologia, quando bem utilizada, amplia os horizontes da aprendizagem e fortalece o vínculo entre professores e alunos, ao invés de substituí-lo (Silva & Monteiro, 2021, p. 74).

Por tudo isso, é importante dizer que essa emergência dos recursos digitais não é só técnica, mas também profundamente humana. Ela toca nossos afetos, nossas formas de ver o mundo, de se relacionar com o saber e com o outro. Gomes (2023) lembra que educar com tecnologia é, acima de tudo, um ato de escuta e de reinvenção cotidiana.

E para fechar, não tem como não reconhecer o papel essencial do professor nesse novo cenário. Ele continua sendo a alma da educação, aquele que dá sentido aos caminhos possíveis. Lima (2020) resume isso lindamente ao afirmar que o professor não deve ser visto como um executor de tecnologias, mas como um sujeito criador, capaz de transformar a sala de aula num espaço de possibilidades.

3314

## 2.2 A formação docente frente à cultura digital

Refletir sobre a formação de professores hoje é, inevitavelmente, tocar na forma como a tecnologia atravessa a prática pedagógica e o cotidiano das escolas. O mundo mudou, os alunos mudaram e, com isso, o professor também tem sido chamado a se transformar. Não se trata de apagar o que já foi construído, mas de abrir espaço para novos saberes e novas formas de ensinar. Como afirmam Santos e Lima (2019), a formação docente precisa ir além do uso técnico das ferramentas digitais; ela deve promover uma vivência significativa da cultura digital.

Essa cultura, que já faz parte da vida dos estudantes, chega às escolas trazendo desafios, mas também oportunidades. O professor que antes dominava o quadro e o giz agora precisa compreender as linguagens digitais, as plataformas, os ritmos mais acelerados da informação. Segundo Almeida (2021), formar professores nesse novo tempo é dar a eles condições de

compreender o cenário tecnológico, sim, mas também de se reconhecerem como protagonistas nesse novo processo educativo.

A formação precisa acolher. Precisa entender que muitos professores ainda se sentem inseguros ao usar tecnologia em sala de aula. E isso é normal. Crescemos e fomos formados em um modelo muito diferente do que se espera hoje. Barros (2023) explica que o medo do novo só pode ser superado quando há um ambiente formativo afetivo, em que o erro é visto como parte do processo e não como um fracasso.

É por isso que a formação continuada precisa ser viva, pulsante e, acima de tudo, realista. Não adianta oferecer cursos distantes da prática ou recheados de termos técnicos sem sentido para o chão da escola. Como defendem Faria e Cunha (2020), a formação só faz sentido quando respeita os saberes que o professor já carrega, mas também o provoca a experimentar, a ousar e a reconstruir sua prática com significado.

E quando falamos em formação, não podemos esquecer que ela precisa ter espaço para o diálogo. Os professores querem ser ouvidos, querem partilhar suas vivências, suas angústias, seus achados. Lima (2020) destaca que a formação precisa ser coletiva, favorecendo o encontro entre pares, pois é na troca com o outro que muitas vezes nasce a coragem de tentar algo novo.

Além disso, a cultura digital não se resume às ferramentas. Ela envolve valores, posturas, formas de pensar e se relacionar com o conhecimento. Para Gomes (2023), mais do que dominar plataformas, o professor precisa desenvolver o pensamento crítico frente às tecnologias, entendendo seus impactos na sociedade, na escola e na vida dos alunos.

3315

Nesse sentido, a formação docente precisa abrir espaço para temas como ética digital, segurança da informação, curadoria de conteúdos e saúde mental no uso de tecnologias. São questões urgentes, que atravessam o dia a dia da sala de aula e que não podem mais ser ignoradas. Como apontam Torres e Silva (2020), preparar professores para a cultura digital é também prepará-los para orientar seus alunos a serem cidadãos digitais conscientes.

Outro aspecto importante é pensar a formação como um processo permanente. Não dá pra pensar em “formação finalizada” quando o mundo muda todos os dias. Mendes (2021) reforça que o professor precisa ser acompanhado, não apenas treinado. Isso significa oferecer espaços de escuta contínua, suporte técnico e pedagógico, e principalmente tempo para estudar, refletir e transformar sua prática.

O cenário ideal é aquele em que a tecnologia não é um peso, mas uma aliada. E isso só acontece quando o professor se sente seguro para explorar, adaptar e até mesmo criar com base nos recursos digitais. Silva e Monteiro (2021) explicam que a formação ganha força quando o

educador é convidado a experimentar, a se enxergar como autor de suas escolhas tecnológicas e pedagógicas.

A formação docente precisa, também, valorizar os pequenos avanços. Nem todo professor vai sair criando jogos interativos de cara. E tudo bem. Às vezes, integrar um vídeo de forma planejada já é um enorme passo. Segundo Oliveira e Rocha (2022), reconhecer essas conquistas cotidianas é essencial para manter o educador motivado e aberto às novas possibilidades que a cultura digital traz.

O professor não precisa ser um especialista em tecnologia para fazer um bom uso dela. O que ele precisa é compreender como as ferramentas digitais podem dialogar com os objetivos de aprendizagem, e a partir disso, desenvolver práticas pedagógicas contextualizadas, criativas e significativas (Carvalho & Martins, 2021, p. 78).

E não podemos esquecer da importância da formação inicial. Muitos cursos de licenciatura ainda têm dificuldades em articular teoria e prática no uso das tecnologias. Lopes (2019) destaca que essa ausência acaba gerando lacunas que o professor carrega para a vida profissional. Por isso, pensar a formação desde o início é garantir que o futuro docente já entre na escola com mais autonomia e repertório.

A universidade e a escola precisam caminhar juntas nesse processo. A formação precisa dialogar com a realidade concreta da sala de aula, com os desafios reais que o professor enfrenta no dia a dia. Amaral e Ferreira (2018) apontam que essa articulação entre teoria e prática é fundamental para que a formação digital não seja apenas um módulo isolado, mas um eixo transversal que perpassa toda a formação docente.

Em suma, a formação docente frente à cultura digital precisa ser mais do que um curso: ela precisa ser um processo de transformação humana. Um processo que respeita trajetórias, que reconhece dificuldades, que valoriza cada passo dado. E, acima de tudo, que acredita no potencial de cada professor como agente de mudança e inovação.

Porque no fim das contas, Educar com ou sem tecnologia sempre foi e sempre será sobre encontros, escuta, afeto e construção conjunta de sentidos. E a formação é o espaço onde tudo isso começa a florescer.

### **2.3 Os desafios na implementação dos recursos digitais na formação docente**

Falar sobre o uso dos recursos digitais na formação dos professores é também reconhecer que o caminho até sua implementação plena ainda está longe de ser fácil (Figura 1). Existe um abismo entre o que a teoria propõe e o que, de fato, chega até a prática pedagógica. Por mais que se fale sobre inovação, ainda há muitos professores que não têm acesso sequer ao básico.

Segundo Lopes (2019), a desigualdade digital nas escolas brasileiras continua sendo um dos grandes obstáculos para a inserção efetiva das tecnologias no cotidiano docente.

**Figura 1: Os desafios na implementação dos recursos digitais na formação docente.**



3317

**Fonte:** Os autores (2025)

É importante lembrar que nem todos os contextos escolares contam com internet de qualidade, equipamentos atualizados ou ambientes preparados para o uso pedagógico das tecnologias. Isso não é só uma questão técnica, é uma questão de justiça educacional. Barros (2023) alerta que, enquanto alguns professores experimentam ferramentas sofisticadas, outros ainda lutam para conectar seus aparelhos à rede da escola. E isso precisa ser dito com clareza e empatia.

Além das barreiras estruturais, há um fator humano que muitas vezes é negligenciado: o medo. Sim, o medo de errar, de não dar conta, de parecer incompetente. Muitos professores carregam uma carga emocional pesada quando se trata de tecnologia. Como bem observam Faria e Cunha (2020), a insegurança frente às ferramentas digitais não é fruto de desinteresse, mas de uma formação deficiente e da falta de apoio continuado.

É muito comum, também, que as formações oferecidas sejam pontuais e descontextualizadas. Cursos rápidos, repletos de termos técnicos e distantes da realidade da

escola, pouco contribuem para transformar a prática docente. Mendes (2021) reforça que a formação tecnológica precisa ser incorporada de forma orgânica no percurso do professor, com propostas que dialoguem com o seu dia a dia, suas turmas, seus desafios reais.

Outro desafio frequente é a visão de que o professor deve estar sempre atualizado e dominar tudo, o tempo todo. Isso gera uma sobrecarga silenciosa, quase sempre não reconhecida pelas instituições. De acordo com Lima (2020), os professores são cobrados para inovar, mas muitas vezes não têm tempo, suporte técnico ou respaldo pedagógico para experimentar algo novo sem o medo do julgamento ou da falha.

Sem contar que há também um certo preconceito com o uso da tecnologia. Ainda existem discursos que colocam o recurso digital como algo superficial, que tira o foco da aprendizagem “séria”. Gomes (2023) critica essa visão e afirma que é justamente a tecnologia, quando bem integrada, que pode tornar o ensino mais acessível, dinâmico e conectado com as necessidades do mundo contemporâneo.

E é nesse ponto que entra o papel das gestões escolares e das secretarias de educação. A implementação dos REDs não pode ser uma responsabilidade individual do professor. É um compromisso institucional, coletivo. Segundo Torres e Silva (2020), é fundamental que as redes de ensino criem políticas de formação continuada com acompanhamento constante, espaços colaborativos e momentos de escuta verdadeira aos educadores.

A resistência ao uso das tecnologias na escola muitas vezes não é resistência ao novo, mas à forma como esse novo chega. Quando o professor é chamado apenas para executar, sem ser ouvido, sem participar das decisões, sem tempo para se preparar, a tecnologia deixa de ser uma aliada e se torna um peso. A inovação precisa ser construída junto com quem está na linha de frente da educação, e não imposta de cima para baixo (Carvalho & Martins, 2021, p. 91).

Outro ponto delicado é o excesso de plataformas e ferramentas, muitas vezes sem curadoria ou orientação adequada. O professor fica perdido em meio a tantas opções, sem saber o que realmente tem valor pedagógico. Oliveira e Rocha (2022) apontam que, sem uma formação sólida, o uso da tecnologia corre o risco de virar modismo, repetição ou simples preenchimento de tempo.

E como ignorar o impacto emocional que tudo isso gera? A cobrança, o medo, a comparação constante com colegas mais experientes com tecnologia... tudo isso abala a autoconfiança do professor. Amaral e Ferreira (2018) lembram que a formação digital precisa cuidar não só da técnica, mas também da autoestima docente, criando um ambiente de apoio e acolhimento.

Muitas vezes, os professores que mais se abrem ao novo são aqueles que encontraram um espaço seguro para aprender sem pressa, sem julgamento. São formações que encantam, não que pressionam. Dias (2022) compartilha que quando o professor sente que pode experimentar, errar e tentar de novo, a tecnologia deixa de ser um monstro e passa a ser uma ponte.

E ainda existe uma barreira que nem sempre é falada: a cultura escolar engessada. Aquela lógica de que “sempre foi assim” impede que o novo floresça. Para transformar isso, é preciso coragem institucional. Santos e Lima (2019) reforçam que inovar na escola é também romper com tradições que já não fazem sentido, e isso só é possível com apoio coletivo.

Outro ponto que merece destaque é que, muitas vezes, os cursos de formação inicial não preparam os futuros professores para o uso pedagógico das tecnologias. Essa lacuna se arrasta até o início da carreira, e muitos educadores acabam aprendendo na marra, sozinhos, ou até desistindo. Segundo Almeida (2021), o currículo das licenciaturas precisa incorporar de forma efetiva a discussão sobre cultura digital, metodologias ativas e recursos tecnológicos.

Dito tudo isso, é essencial lembrar que, apesar dos desafios, o caminho é possível. Não é sobre perfeição, é sobre processo. O que se espera não é um professor tecnólogo, mas um professor sensível, curioso, disposto a aprender. E para isso, ele precisa se sentir amparado, valorizado, respeitado. Silva e Monteiro (2021) ressaltam que todo professor é capaz de inovar quando encontra um ambiente que respeita seu tempo e celebra seus avanços.

3319

Por fim, implementar os recursos digitais na formação docente não é apenas uma questão técnica. É, antes de tudo, uma questão de humanidade. É olhar para o professor como alguém que aprende todos os dias, que sente medo, mas também esperança. E, principalmente, alguém que tem nas mãos o poder de transformar a educação mesmo em meio a tantas dificuldades.

#### **2.4 Caminhos possíveis para uma formação digital significativa**

Quando pensamos em caminhos para fortalecer a formação docente na era digital, não falamos apenas de inserir tecnologias, mas de criar experiências de aprendizagem que façam sentido, que acolham e que inspirem. A formação precisa ir além do treinamento técnico; ela precisa tocar o humano, valorizar o professor como alguém que sente, que pensa e que também está em constante transformação. Segundo Barros (2023), uma formação significativa acontece quando se reconhece o professor como sujeito da prática, e não como mero executor de métodos prontos.

Um caminho promissor tem sido a construção de espaços colaborativos de formação, onde os professores não apenas aprendem, mas também compartilham saberes e vivências. Essa troca entre pares tem se mostrado poderosa. De acordo com Lima (2020), formações em rede favorecem o fortalecimento de vínculos, o acolhimento das inseguranças e o surgimento de soluções coletivas para os desafios cotidianos da prática docente.

Além disso, é fundamental que as formações ofereçam momentos práticos, onde o professor possa experimentar, criar, testar e refletir sobre os usos pedagógicos da tecnologia. Faria e Cunha (2020) reforçam que a aprendizagem significativa ocorre quando o docente é protagonista do processo, tendo liberdade para adaptar os conteúdos à sua realidade escolar.

Não se trata de ensinar a mexer em ferramentas, mas de refletir sobre o sentido de usá-las. Uma formação significativa é aquela que convida o professor a pensar “por que” e “para quem” ele está escolhendo determinado recurso digital. Como apontam Oliveira e Rocha (2022), o uso crítico e consciente da tecnologia precisa estar no centro das discussões, e não apenas a lógica da novidade ou da “moda” pedagógica.

Outro caminho possível é garantir que as formações considerem o tempo e a realidade de cada professor. Não dá para pensar em avanços sem respeitar o ritmo de quem está na ponta. Dias (2022) defende que os processos formativos precisam ser flexíveis, contínuos e sensíveis às múltiplas jornadas que os docentes já enfrentam diariamente.

3320

Formar professores para o uso de tecnologias digitais não é sobre ensinar o ‘como fazer’, mas sim sobre criar condições para que cada educador descubra, no seu próprio tempo, as possibilidades que o digital pode trazer para a sua prática. O essencial é construir uma relação de confiança, onde o professor se sinta autorizado a experimentar, errar, aprender e recomeçar. O aprendizado acontece quando existe liberdade, afeto e escuta (Santos & Lima, 2019, p. 109).

Outro ponto essencial é o apoio institucional. Nenhuma formação será realmente transformadora se o professor se sentir sozinho. A escola precisa ser parte ativa do processo, promovendo encontros, espaços de formação continuada e incentivo para que o uso das tecnologias vá além da obrigação. Segundo Gomes (2023), quando a gestão escolar valoriza a formação digital e se compromete com ela, o clima da escola muda, e a inovação se torna parte da cultura institucional.

A personalização da formação também é um caminho importante. Não existe um modelo único de professor, assim como não existe um único jeito de integrar tecnologia ao ensino. Almeida (2021) defende que a formação docente precisa respeitar os diferentes estilos, repertórios e necessidades dos educadores, oferecendo trilhas diversificadas que conversem com seus interesses e desafios.

A mediação de formadores sensíveis e atualizados é outro fator que faz toda a diferença. Mendes (2021) aponta que o formador precisa ter escuta ativa, empatia e domínio das práticas pedagógicas reais, para que o conteúdo da formação não fique no campo das ideias distantes da sala de aula.

Também é importante integrar as vivências digitais aos currículos da formação inicial. Muitos professores chegam à escola sem nunca terem refletido profundamente sobre o uso pedagógico da tecnologia. Lopes (2019) ressalta que, quanto mais cedo essa discussão for inserida nos cursos de licenciatura, maior será a autonomia dos professores diante dos recursos digitais.

E não podemos esquecer da importância do acompanhamento ao longo do tempo. Uma formação não se esgota em um curso de fim de semana. Ela precisa de continuidade, de retorno, de avaliação conjunta. Silva e Monteiro (2021) destacam que quando há acompanhamento, o professor se sente mais seguro para colocar em prática aquilo que aprendeu, sabendo que não estará sozinho diante dos desafios.

Outro caminho possível é a valorização da prática reflexiva. Isso significa parar, pensar, escrever, compartilhar... É olhar para a própria prática com coragem e abertura. Amaral e Ferreira (2018) reforçam que o professor precisa de tempo e espaço para pensar sobre o que faz, por que faz e como pode fazer diferente. E isso não acontece sem incentivo.

3321

É preciso lembrar também que o uso das tecnologias precisa estar a serviço da aprendizagem, e não do controle. Muitas escolas ainda utilizam plataformas apenas para registrar presença ou notas. Gomes (2023) afirma que, quando os REDs são usados com intencionalidade pedagógica, eles promovem encantamento, engajamento e vínculos mais fortes com o conteúdo.

Por fim, o maior caminho possível para uma formação significativa é acreditar no professor. Acreditar de verdade. Confiar que, com apoio, respeito e oportunidade, ele é capaz de se reinventar e construir práticas potentes. Como afirmam Torres e Silva (2020), toda formação que nasce do diálogo e da valorização da experiência docente já começa com grandes chances de dar certo.

Porque no fundo, formar professores não é apenas ensinar algo novo. É acolher, é caminhar junto, é lembrar que, antes de tudo, estamos formando pessoas que formam outras pessoas. E quando isso é feito com verdade, a tecnologia deixa de ser ferramenta e passa a ser ponte.

### 3. MÉTODO

Este artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa, baseada na análise de produções científicas publicadas nos últimos anos que tratam da temática dos Recursos Educacionais Digitais (REDs) na formação de professores. Optou-se por esse caminho metodológico por entender que a revisão crítica da literatura é fundamental para compreender os avanços, lacunas e desafios que ainda cercam o tema.

A escolha dos materiais foi realizada de forma criteriosa, buscando garantir a qualidade e a atualidade das informações. Foram selecionados artigos científicos, livros, dissertações e teses publicados entre 2018 e 2023, todos redigidos em língua portuguesa e provenientes de bases como Scielo, Google Acadêmico, CAPES e periódicos de instituições reconhecidas.

O critério de inclusão considerou obras que abordam de maneira direta a relação entre a formação docente e o uso de tecnologias digitais, especialmente aquelas que tratam dos REDs como ferramentas de transformação pedagógica. Também foram priorizados autores brasileiros, a fim de manter o foco nas realidades educacionais nacionais, respeitando os contextos sociais e institucionais que influenciam a formação de professores no país.

A análise foi realizada por meio da leitura interpretativa e reflexiva dos textos, com ênfase na identificação de convergências e divergências entre os autores, bem como na construção de uma visão crítica sobre as práticas formativas atuais. Essa abordagem permitiu extrair não apenas dados objetivos, mas também percepções e interpretações que enriquecem a compreensão sobre o tema.

3322

### 4. RESULTADOS

A leitura e análise da literatura permitiram identificar alguns pontos recorrentes nas produções científicas que abordam a relação entre formação docente e tecnologias digitais. Esses pontos foram organizados em categorias temáticas que refletem os principais achados da pesquisa (Tabela 1)

**Tabela 1 – Temas recorrentes sobre REDs na formação docente**

Categoria	Descrição
Sentido pedagógico do uso das TICs	Discussões sobre a intencionalidade educativa no uso de recursos digitais.
Medo e insegurança dos professores	Relatos sobre as dificuldades emocionais enfrentadas pelos docentes.
Falta de infraestrutura	Limitações de acesso à internet e equipamentos nas escolas públicas.
Formação descontextualizada	Críticas a cursos técnicos sem relação com a prática docente real.
Espaços colaborativos de aprendizagem	Valorização de trocas entre pares durante o processo formativo.

**Fonte:** Os autores (2025)

Essas categorias foram observadas em obras como as de Almeida (2021) e Santos e Lima (2019), que enfatizam a importância de se pensar a formação para além do domínio técnico. Segundo os autores, é fundamental que o uso dos REDs venha acompanhado de reflexão pedagógica e não se limite a um “uso instrumental”. 3323

Outra questão levantada com frequência é a resistência de professores ao uso das tecnologias, muitas vezes causada pelo medo de errar ou pela ausência de suporte contínuo. Conforme Barros (2023), a formação significativa precisa ser acolhedora e dar ao professor espaço para experimentar sem medo. A insegurança é uma barreira real que precisa ser enfrentada com empatia, e não com cobranças excessivas.

A infraestrutura escolar também aparece como um entrave central. Diversos autores, como Lopes (2019) e Gomes (2023), apontam que, mesmo com políticas públicas voltadas à inclusão digital, muitas escolas ainda enfrentam dificuldades básicas, como falta de conexão estável e equipamentos defasados. Essa realidade limita o uso pleno dos recursos digitais, exigindo políticas mais consistentes e investimentos estruturais.

Por outro lado, foram identificadas propostas inspiradoras de formação, baseadas em metodologias ativas, oficinas práticas e trocas colaborativas entre professores (Tabela 2). As experiências descritas por Lima (2020) e Oliveira e Rocha (2022) mostram que, quando o

professor se sente parte do processo e reconhece sentido no que está aprendendo, o envolvimento é muito maior.

**Tabela 2 – Condições que favorecem o uso significativo dos REDs**

Elemento facilitador	Impacto na prática docente
Escuta ativa na formação	Aumenta o engajamento e valoriza a experiência docente.
Formação contínua e prática	Amplia a confiança no uso de tecnologias.
Troca entre colegas	Fortalece vínculos e permite aprendizados reais e aplicáveis.
Autonomia para adaptar recursos	Garante adequação ao contexto e protagonismo do professor.

**Fonte:** Os autores (2025)

De modo geral, os resultados revelam que o sucesso da formação digital está diretamente ligado ao cuidado com o processo formativo em si: respeitar o tempo do professor, oferecer apoio, criar espaços de escuta e valorizar as trajetórias. Como apontam Silva e Monteiro (2021), quando há afeto e confiança, o professor se sente mais disposto a experimentar o novo.

3324

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao final desta pesquisa bibliográfica é também reconhecer que a formação docente diante dos desafios da cultura digital precisa ser vista como um processo profundamente humano. Mais do que aprender a usar ferramentas tecnológicas, os professores precisam ser ouvidos, acolhidos e acompanhados em sua jornada formativa.

Os estudos analisados mostram que os Recursos Educacionais Digitais têm grande potencial de transformação, mas que seu uso efetivo depende de condições muito além da técnica. Sem políticas públicas consistentes, infraestrutura adequada e formações significativas, a tecnologia pode se tornar apenas mais uma cobrança sobre os ombros dos educadores. Ao mesmo tempo, os exemplos positivos revelam que é possível construir experiências formativas potentes quando há diálogo, parceria e respeito à prática docente. O

professor, quando apoiado e reconhecido, transforma a escola. E é ele quem faz a tecnologia ganhar sentido.

Assim, este estudo reafirma a importância de se investir não apenas em ferramentas, mas principalmente em pessoas. Porque a tecnologia pode ser o meio, mas o professor continua sendo o elo mais importante entre o aluno e o conhecimento. E é por ele, e com ele, que a educação precisa caminhar rumo a tempos mais justos, inclusivos e humanos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. de. *Educação e tecnologia: desafios contemporâneos na formação docente*. São Paulo: Cortez, 2021.
- AMARAL, M. S.; FERREIRA, L. B. *Tecnologias assistivas e inclusão escolar: caminhos possíveis para o ensino acessível*. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 24, n. 2, p. 211–229, 2018.
- BARROS, C. A. *A formação de professores e a integração das tecnologias digitais: entre medos e possibilidades*. Cadernos de Formação Docente, Salvador, v. 15, n. 3, p. 45–60, 2023.
- CARVALHO, R. S.; MARTINS, P. C. *Recursos digitais na educação básica: práticas pedagógicas e formação docente*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2345–2362, 2021.
- 3325
- COSTA, L. M.; FREITAS, A. F. *Educação digital e mediação pedagógica: desafios e perspectivas para o século XXI*. Educação e Tecnologia em Revista, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 122–138, 2020.
- DIAS, R. S. *Ensinar em tempos de pandemia: lições aprendidas e o futuro da educação digital*. Revista de Práticas Educativas, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 88–105, 2022.
- FARIA, V. C.; CUNHA, T. M. da. *Formação de professores e cultura digital: práticas significativas com o uso das TICs*. Revista Docência e Cibercultura, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 33–49, 2020.
- GOMES, L. C. *Tecnologia e humanização no ensino: para além da técnica, o encontro*. Educação em Perspectiva, Belo Horizonte, v. 14, e021008, 2023.
- LIMA, S. R. *O professor na cultura digital: novos sentidos para o ato de educar*. Revista Educação e Contemporaneidade, Aracaju, v. 29, n. 61, p. 230–247, 2020.
- LOPES, C. F. *Educação e acesso: o papel das tecnologias digitais na superação das desigualdades*. Revista Inclusão e Educação, Recife, v. 7, n. 2, p. 113–129, 2019.
- MENDES, F. T. *Avaliação formativa mediada por tecnologias: reflexões sobre a prática docente*. Cadernos da Pedagogia, São Carlos, v. 15, n. 31, p. 84–101, 2021.
- OLIVEIRA, D. R.; ROCHA, M. B. *A linguagem dos jovens e os recursos digitais: novas estratégias de engajamento na sala de aula*. Revista Interfaces da Educação, Campo Grande, v. 13, n. 38, p. 205–222, 2022.

SANTOS, E. C.; LIMA, R. P. *O papel do professor na era digital: mediação, reflexão e práticas pedagógicas inovadoras*. Revista Educação em Debate, Fortaleza, v. 41, n. 78, p. 177–195, 2019.

SILVA, J. A.; MONTEIRO, T. M. *Educação digital e afetividade: o vínculo entre professor e aluno no ensino mediado por tecnologias*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 26, e026031, p. 1–20, 2021.

TORRES, F. B.; SILVA, R. C. *Protagonismo estudantil e recursos digitais: construindo uma aprendizagem ativa e significativa*. Revista Educação e Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 302–319, 2020.